

# O amor, uma das paixões do ser, na experiência analítica

---

Sandra Mara Nunes Dourado

## Resumo

O sujeito nem sempre inicia o processo de análise reconhecendo o sofrimento como tal. Tamanha pode ser a surpresa do analisando ao se deparar com o enigma posto à sua frente quando da descoberta de suas paixões, sobretudo pelo fato de que essa descoberta se dá por meio de sua própria fala e do modo como as palavras tocam o sujeito. O presente relato trata desse reconhecimento pelo analisando com a intervenção do analista. A importância da transferência entre eles na criação da singularidade do sujeito, sua diferença radical; as voltas que o sujeito dá até que haja o deslocamento pelo dizer.

## Palavras-chave:

Transferência; Singularidade do sujeito; Análise.

## Love, one of the passions of being, in the analytical experience

## Abstract

The subject does not always start the analysis process recognizing suffering as it. Such can be the analysand's surprise when faced with the enigma placed in front of them when they discover his passions, above all due to the fact that this discovery takes place through their own speech and the way in which words touch the subject. The present report deals with this recognition by the analysand with the intervention of the analyst. The importance of the transfer between them in the creation of the subject's singularity, its radical difference; the turns that the subject takes until there is displacement by the saying.

## Keywords:

Transfer; Subject Singularity; Analysis.

## **El amor, una de las pasiones del ser, en la experiencia analítica**

### **Resumen**

El sujeto no siempre comienza el proceso de análisis reconociendo el sufrimiento como tal. Esto puede ser la sorpresa del analizador cuando se enfrenta al enigma que se le coloca frente al descubrir sus pasiones, especialmente por el hecho de que este descubrimiento se produce a través de su propio discurso y la forma en que las palabras tocan el tema. El presente informe trata de este reconocimiento por parte del analizado con la intervención del analista. La importancia de la transferencia entre ellos en la creación de la singularidad del sujeto, su diferencia radical; las vueltas que da el sujeto hasta que se produce el desplazamiento diciendo.

### **Palabras clave:**

Transferencia; Singularidad del sujeto; Análisis.

## **L'amour, une des passions de l'être, dans l'expérience analytique**

### **Résumé**

Le sujet ne commence pas toujours le processus analytique en reconnaissant la souffrance comme ayant. Telle peut être la surprise de l'analysant face à l'énigme que lui pose la découverte de ses passions, d'autant plus que cette découverte-là se fait à travers de son propre discours et la façon dont les mots touchent le sujet. Le présent exposé traite de cette reconnaissance par l'analysant avec l'intervention de l'analyste. L'importance du transfert entre eux dans la création de la singularité du sujet, sa différence radicale ; les tours que prend le sujet jusqu'au déplacement par le dire.

### **Mots-clés :**

Transfert ; Singularité du sujet ; Analyse.

...Porque quem ama,  
Nunca sabe o que ama  
Nem sabe por que ama  
Nem o que é amar...  
Amar é a eterna inocência  
E a única inocência é não pensar.  
(Fernando Pessoa)

Assim como os poetas se anteciparam aos analistas, o amor, em suas inúmeras acepções, é o afeto que se precipita no início de alguns encontros. Seja com o outro materno, com o parceiro sexual ou com o analista. Sendo a experiência analítica uma prática de discurso — o relato do romance familiar e a leitura dos efeitos sobre quem os disse —, é organizado em torno do desejo do analista. Este opera a direção do tratamento na função de objeto causa e na dependência da dimensão de um saber, alimentada pelo amor de transferência. Fenômeno ocorrido no interior de uma análise, cuja implicação resulta na instauração do sujeito suposto saber, no sentido de que a ele é suposto saber algo sobre seu analisante.

Antonio, recém-formado, busca a análise no momento em que inicia sua carreira profissional. Medo, insegurança, insônia, taquicardia são alguns sintomas apresentados por esse sujeito como resposta ao não saber o que o *aguarda*: “Uma pergunta me atormenta dia e noite: será que vou conseguir dar conta?”.

Convidado a *contar* o que sabia sobre as causas de seu sofrimento, Antonio escuta de sua própria voz: “Então, isso é sofrimento?? Ops! Que tipo de sofrimento você se refere, doutora?”. Em reserva, a analista devolve a questão: “Que tipo de sofrimento VOCÊ se refere, doutor?”. Surpreso por seu próprio dito e riso, esse sujeito se depara com um enigma. Ou seria com uma paixão, a da ignorância?

Estados d’alma, as paixões do ser determinam o que há de mais vivo no *pathos*: amor, ódio e ignorância, essa tríade que implica, necessariamente, a falta no outro da fala. Portanto, são paixões do ser falante. No campo psicanalítico, encontramos-las nas três estruturas clínicas. O Outro ignorante em relação ao sujeito se encontra onde há uma particular intimidade com o gozo. Desde já, uma pergunta orientadora deste trabalho: como identificar a paixão da ignorância em um caso de histeria? A ignorância, no sentido indicado por Lacan, não deve ser compreendida como uma ausência de saber. No trabalho sob transferência, devemos situá-la do lado do “não querer saber” específico à posição neurótica ou, ao contrário, do lado da posição analisante, sustentada pela suposição de saber no outro? O que sabemos é que a paixão da ignorância, ao lado do amor e do ódio, é um componente primário da transferência.

Sabemos que foi o desejo de Freud que o fez ouvir algo do sujeito histérico que apontava para sua descoberta, o inconsciente. Desde então, todo aquele que se

serve da psicanálise, seja como analisante, seja como analista, é convocado a apurar os ouvidos de um modo que possa escutar os indícios, os tropeços, as fissuras da língua, esses índices norteadores de outra cena, cujo desejo, em cada um, permanece inconsciente.

Foi a determinação teórica e crítica de Lacan que o levou a uma releitura da obra freudiana, revisitando conceitos e propondo outros, entre eles o de desejo do psicanalista, permitindo redimensionar uma série de elementos do *saber-fazer* na direção da cura.

É na tentativa de encontrar respostas que amenizem a fome diabólica do desejo que batemos à porta de um analista e nos deitamos em seu divã por anos e anos a fio. A análise, ao se desfiar pelo simbólico, tenta tratar o real do sintoma, o ponto do impossível, dada a não relação sexual. É desse modo que o ponto de partida e o ponto de chegada se aproximam na experiência do passe, pois desde sempre fica interdita ao sujeito a leitura adequada ou possível de alíngua, posto ela ser constituída dos detritos, dos restos, do eco dessa alíngua que formam a própria linguagem.

E é no cotidiano da clínica que recolhemos e atualizamos a aposta freudiana de que algo opera através da fala do sujeito em sofrimento, sustentada justo pelo amor de transferência. Poderíamos afirmar que toda fala comporta essa dimensão da ignorância, uma vez que a fala é sempre demanda, demanda de complemento à falta-a-ser na figura do amor, do ódio ou da ignorância. Portanto, quando o sujeito falante leva a sério o que diz, isto é, quando experiencia o peso de suas próprias palavras e se deixa afetar pelo que escuta, possibilita que alguma coisa se desloque, alguma coisa se precipite.

Antonio se desloca entre o medo de dizer e o de querer saber, ou ainda, de um impasse, a um novo modo de agir, o que o situa como sujeito dividido: aposta freudiana, redobrada por Lacan, indicando a via que leva ao desejo inconsciente.

Em contrapartida, o sofrimento que leva um sujeito bater à porta de um analista precisa alçar um patamar que alcance o estatuto de uma busca, um “querer saber”, um desejo verdadeiramente decidido a buscar as causas de suas inibições, sintomas e angústias.

Primeiro filho de uma família marcada pela insistente falta de recursos financeiros, Antonio é quatro anos mais velho que sua única irmã. Estudioso, calado, tímido, envergonhado são alguns significantes que dizem desse sujeito, marcado pelo “não querer saber das questões relativas ao sexo”. Na adolescência, diferente de seus poucos colegas, Antonio se dedicou aos estudos e à Igreja, não sobrando tempo para pensar sobre os reiterados pesadelos que o atormentavam durante muitos anos. Neles, uma pergunta marca a angústia que não engana: *sou gay?*

Das tantas questões levantadas, uma atravessa o discurso de Antonio com mais frequência: o pagamento. “Quanto custa a sessão? Tenho medo de não poder lhe

pagar muito.” Ao que a analista responde: “Pague, então, o suficiente pra que passe o seu medo!”. Convidado a dar valor a seu sintoma, Antonio paga não apenas com todo o dinheiro que trazia na carteira, mas também com um sorriso, que denunciava o que considerou “um valor adequado”. Na esteira de suas associações acerca de sua relação com o dinheiro, algo se depreende: esse sujeito nada sabia de sua dívida inconsciente, de modo que todo o dinheiro que passa a ganhar apenas lhe possibilita pagar: para a mãe, para o pai e diversos familiares que, de algum modo, seduziam-no com palavras de reconhecimento e gratidão. Ao direcionar todo o seu dinheiro para a família, pouco sobrava para que Antonio pudesse gozar de seu desejo: pagar pelo sexo.

A transferência está na origem da psicanálise, uma vez que é somente a partir de sua instauração que uma psicanálise é possível. Trata-se, portanto, de um dispositivo a ser produzido pelo analisante, mas causado e sustentado pelo desejo do analista. Antonio empresta ao Outro o saber por meios do amor. “Me pergunto: será que sou um bom analisante? Será que minha analista pode desistir de mim?”

O amor de-cantado pelos poetas ao longo do tempo e da história, estando no campo da clínica psicanalítica, ganha este novo nome: transferência. O analista, advertido por essa hipótese, trabalha em abstinência, sabendo que não lhe cabe ser depositário do saber do sujeito sobre seus sintomas, mesmo que o amor (de transferência) assim o queira. O analisante, ao situar o saber do lado do analista, faz-lhe signo, mediante o amor que lhe tem.

Sabemos que a paixão da ignorância, ao lado do amor e do ódio, é um componente primário da transferência. Lacan, afirma que

(...) a dimensão da transferência existe de cara, implicitamente, antes de qualquer começo de análise, antes que a concubinação que é a análise se desencadeie. Ora, essas duas possibilidades do amor e do ódio não vão sem essa terceira, que se negligencia, e que não se nomeia entre os componentes primários da transferência — a ignorância enquanto paixão. (Lacan, 1953-1954/1986, pp. 315-316)

Identificada desde Freud como condição *sine qua non* de uma análise, a transferência também oferece seu lugar de empecilho, obstáculo e resistência. No entanto, graças à existência do inconsciente, aprendemos que o que importa nessa prática se encontra na ordem da invenção menos do que da descoberta. Trata-se de um saber inventado, com um toque, muitas vezes, de ficção que dê conta do semidizer da verdade, na versão possível de cada um. A análise evidencia esse truque. Faz-se necessário que haja suposição em outro lugar, para que o sujeito venha a produzir algo de singular, “que ele possa chamar de seu”, uma modifica-

ção na repetição, na economia de gozo, outro estilo, uma nova forma de viver a vida, com menos preocupação, dor e sofrimento, tornando-se capaz de responder por sua singularidade.

Ancorada no amor estabelecido pela transferência e cansada de ouvir as reiteradas queixas de Antonio acerca de sua recusa, traduzida por ele como uma dificuldade de ser “passivo” na relação sexual com seu companheiro, a analista lhe interpela e diz: “Muito interessante, você deixa todo mundo botar na sua bunda menos o seu namorado!?”. A resposta veio na forma de uma gargalhada, efeito surpresa também para a analista.

Das tantas voltas feitas por esse sujeito, em uma delas há um deslocamento. Antonio aluga um apartamento, compra um bom carro, avança em sua formação e passa a usufruir um pouco mais do dinheiro que produz. Verificamos também um deslocamento das paixões, entre a ignorância e o não querer saber: o dizer. Entre a demanda e o amor de transferência: desejo de saber. Aposta feita!

## Referências bibliográficas

- Freud, S. (2019). *Obras incompletas: amor, sexualidade, feminilidade*. São Paulo: Autêntica.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1986). O conceito da análise. In J. Lacan. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (pp. 315-316). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lutterbach-Hölck, A. L., & Vianna Soares, C. E. L. (Org.) (1998). *As paixões do ser: amor, ódio e ignorância*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

**Recebido:** 01/12/2022

**Aprovado:** 15/12/2022